

# Psicologia Didática

CELSO DE MAGALHÃES

## I

**P**SIKOLOGIA, do grego *psyché* e *logos*, como o próprio nome indica, é a ciência que trata do espírito, que tem por objeto os fenômenos da vida intelectual. Modernamente, a psicologia ainda pode ser encarada sob o ponto de vista clássico, isto é, das faculdades da alma, que se baseia no método de introspecção; ou ainda como resultante da própria Fisiologia, como a concluiu WUNDT, chegando-se mesmo ao domínio das Matemáticas, como o fez HERBART, ou então, considerando-a a ciência do comportamento, em cujo campo se colocaram FREUD, ADLER, JUNG e os grandes psicólogos americanos.

Dizer como o indivíduo reage em face de situações de sua atividade normal, dizer como tais reações podem ser benéficas ou prejudiciais, úteis a ele mesmo ou ao grupo a que pertence, tal o objetivo da Psicologia do comportamento.

Dentro dela não haverá conceitos gerais — existe uma psicologia da criança, como outra do adulto; uma do estadista, como outra do funcionário e do soldado; uma do professor, como outra do aluno.

E' dentro dessa concepção que fazemos o presente estudo.

## II

Entre os fatores importantíssimos que concorrem para o aperfeiçoamento dos servidores do Estado, coloca-se, em primeiro plano, o professor dos cursos de treinamento extrafuncional.

No âmbito geral da instrução pública, há que considerar dois tipos de professores, inconfundíveis e indispensáveis ambos: de um lado, o sábio que pesquisa, experimenta, busca princípios e leis, construindo ciência, melhorando o patrimônio intelectual da humanidade; doutro lado, o homem que transmite a seus contemporâneos os conhecimentos atuais das ciências, cuja única missão é elevar esses mesmos contemporâneos à altura intelectual necessária ao exercício de certas atividades de ordem social ou cultural.

As características dum e outro professor devem ser diversas, profundamente diversas mesmo, pois diferentes, profundamente diferentes são seus objetivos: um faz ciência; outro transmite a ciência feita.

O primeiro tipo, o do sábio-professor, é estranho aos cursos de aperfeiçoamento dos servidores do Estado, colocando-se por isso fora do

setor burocrático de ensino; o segundo, porém, e daquele que transmite conhecimentos, esse é, nada mais, nada menos, que a viga mestra dos referidos cursos, cuja eficiência e rendimento dele dependem.

A psicologia dum e outro, evidentemente, não de diferir; nem ao menos se assemelham, dada a diversidade de funções e de objetos.

O presente estudo nada tem a ver com o sábio-professor; só nos preocupa o segundo tipo — o professor dos cursos de aperfeiçoamento para servidores públicos.

## III

A primeira característica do professor que leciona, que dá aula, que fala para uma classe de alunos, é o domínio perfeito da matéria, da disciplina cujos mistérios se incumbiu de desvendar ao auditório.

Infelizmente, "professôres" pode haver que não satisfazem a esse primeiro requisito e que, talvez mesmo como alunos não estivessem ainda preparados para *compreender* a matéria a que se arrogam o direito de ensinar como se Mestres foram. E isso pode acontecer porque, não raras vezes, a escolha do professor, do funcionário que vai dar aulas, não se faz pelo seu conceito funcional como especialista na matéria, mas em virtude de outros fatores aos quais nem sempre ficam estranhos os honorários.

Mas admitamos que, no caso em apreço, seja o professor competente na disciplina que vai lecionar.

Estará só com isso resolvido o problema? Estará o professor, só por isso, em condições de preencher perfeitamente aquilo que dele se espera?

Não.

E não, porque o professor também necessita de personalidade, precisa de apresentação pessoal, que depende de físico, de aprumo, de desembaraço.

Desde que sobe ao estrado da aula, tem o professor de causar no espírito dos assistentes a convicção de sua superioridade; é necessário que ele domine logo de início.

Tal como o médico que tem de inspirar confiança ao doente, se o pretende curar, há de o professor dominar a classe, para que os alunos a ele se entreguem de espírito aberto, confiantemente, escancarando-lhe as portas da receptividade intelectual.

Sem isso não se desfarão as barreiras que inibem o entendimento.

#### IV

Outra qualidade necessária reside na cultura geral, nos conhecimentos que o professor pode ter dos mais variados assuntos, visto que, no campo intelectual, não há compartimentos estanques, todos se intercomunicam e, assim, ninguém pode discutir com proficiência determinado assunto, se o encara apenas sob o ponto de vista particular, sem consideração pelas suas relações com o conjunto de fatores gerais.

Além disso, tal demonstração de cultura por parte do professor serve para aumentar-lhe o prestígio entre os alunos. Por ilação muito simples, concluem eles que, conhecendo tanto de coisas alheias à sua especialidade, evidentemente terá o professor de conhecer muito bem a matéria que lhe cabe ensinar.

Contudo, uma demonstração de cultura geral deve ser feita a propósito, no momento oportuno, sem afetação, porquanto, se o não fôsse, provocaria resultados opostos, do ridículo, fazendo o professor, eivado de preciosismo, perder eficiência, desmerecer.

#### V

Há pessoas que, conhecendo rudimentos de determinada matéria, se esforçam por conseguir uma cátedra de professor, julgando, possivelmente, que os alunos não podem perceber tal deficiência, por saberem ainda menos que ele.

Há nisso uma grande ilusão: quem mais conhece a capacidade do professor é o aluno, da mesma forma que são os companheiros de trabalho que conhecem os expoentes da repartição, ao contrário do que pensam certos chefes, muito interessados em querer impingir como experiências, verdadeiras mentalidades primárias.

Desde o primeiro dia de aula, sabe o aluno se o professor é competente ou não, se domina ou não domina a matéria, se merece atenção e respeito ou desinteresse e desprezo.

E aí do professor se o balanço lhe fôr desfavorável: enquanto permanecer no estrado, enfaticamente pôsto, de giz na mão, índice levantado, à busca das palavras que impressionem, os alunos trocam risotas, comunicam-se por debaixo das carteiras, passam papêzinhos com ditos espirituosos, apelidam o professor, levam-no a ridículo...

Depois disso, acabou-se o professor; perdida sua autoridade, não mais pode ensinar... Daí por diante, os alunos aprenderão só o que estiver nos compêndios e conforme o puderem entender; estão sem guia intelectual, perderam o mestre!...

#### VI

O professor que pretende impressionar, inspirar confiança, dominar — como é de sua obrigação — deve dar aula em pé, não sentado. Parece que isso uma questão de somenos, mas não é.

A simples posição, a simples postura física como que nivela ou distingue o professor em relação aos alunos: sentado, são todos iguais; de pé, o professor é o *mais elevado*, é o superior, como o deve ser, o que adquiriu o direito de dominar.

Há nisso muito de psicologia que não escapa aos entendidos. Só mesmo quando o professor dispõe de fortes características pessoais é que se poderá permitir o luxo de sentar, sem incorrer no nivelamento da postura condenada.

Mas tais professores, todos o lamentamos, raros, muito raros são.

#### VII

O professor deve ter um sistema nervoso equilibrado e, quando o não tiver, capacitado de suas responsabilidades, aparentará tê-lo: a educação é o processo pelo qual o selvagem se torna civilizado.

Sem um tal sistema nervoso, passa o professor o tempo todo a mostrar aos alunos que a aula é, para ele, uma grande massada. Está sempre a queixar-se de cansaço, de falta de tempo para preparar as lições... Está sempre de mau humor para responder a perguntas, para repetir explicações, para dissipar dúvidas...

Um professor fisicamente deprimido, deprime o ambiente, rouba entusiasmo aos alunos, é mau professor.

E não são raros os de tal tipo; professores apenas por instinto comercial, aceitam tôdas as designações, todos os convites remunerados para aulas e, depois, se apresentam exaustos sob o peso da carga excessiva que buscaram.

Mercadores não servem para o ensino. O magistério é sacerdócio e, como tal, deve ser compreendido, ainda que o Estado, compulsoriamente, chame a ordem os recalitrantes.

E chamará?!...

#### VIII

Ao falar, é preciso que a dição do professor seja boa, sua voz clara e adaptada ao ambiente, de timbre agradável. O professor afônico, que fala baixinho, de voz monótona ou cheia de assonâncias, desagrada, fatiga o aluno; o que pronuncia mal as palavras dificulta a apreensão das idéias e conceitos, cai no ridículo, serve de zombaria. De qualquer modo, êsse professor gera fatores negativos, que impedem ou atrasam a aprendizagem; não pode ser bom professor.

O processo verbal por cujo intermédio o conhecimento é transmitido pode consistir em conferência, discurso ou palestra. Não é indiferente usar de um ou do outro.

O professor que leciona, fazendo conferências, fala bem, expõe bem o assunto, mas entra em minúcias descabidas, divaga, perde-se em abstrações de forma a dificultar aos alunos o acompanhamento, quiçá mesmo a descoberta do motivo principal da aula. Só ele fala, e mais ninguém!... Pela verbosidade, pela prolixidade, talvez mesmo

elegante, mas desnecessária, impede que o aluno diferencie o fundamental do acessório.

Se falasse para uma assistência de entendidos no assunto, êsse professor daria uma esplêndida aula, porque os entendidos não se deixariam absorver pelas minúcias da exposição e, facilmente, seguiriam, como num trecho sinfônico, a frase musical dominante.

Mas o professor conferencista, longe de ser simples como um trecho de Verdi, é uma harmonia wagneriana: embora se goste dela, da primeira vez é impossível entendê-la. O professor conferencista não é bom professor.

O segundo tipo, o professor que faz discursos, o orador, êsse inflama, entusiasma, eletriza. E' o homem que se dirige ao sentimento dos alunos, que lhes desperta a emotividade, mas não lhes fala à inteligência: empolga, mas não esclarece. Êle encanta, transporta, enleva; os alunos o aplaudem até o fim da aula; desejam ouvi-lo mais, gabam-lhe os dotes oratórios, acham-no um prodígio — tudo isso é fruto da sentimentalidade; mas pouco aprendem com êle. Naquele caudal de ricas e lindas expressões, perde-se o conteúdo. No dia dos exames, verificam os alunos, com surpresa, que pouco discerniram na catadupa verborrágica do mestre. Mas não culpam o professor; nem pensam nisso, pois continuam a admirá-lo. Culpam-se a si mesmos, recriminam-se, julgam-se incapazes, coitados!...

De qualquer forma, os conhecimentos não foram transmitidos; não houve aproveitamento. Assim, pois, o professor que dá aulas fazendo discursos não é bom professor.

## IX

Finalmente, temos o último tipo, o do professor que dá aulas conversando, o que palestra com os alunos. Êsse aplica o método socrático da dialogação, põe o aluno à vontade, não o constrange, nem o extasia; dá-lhe a impressão de que está diante de um colega mais instruído, de um camarada seu, de maior preparo e instrução.

O professor que dá aula conversando, interrompe freqüentemente a atenção do aluno, dá-lhe descanso mental em doses curtas. A atenção é uma faculdade que precisa ser interrompida para tornar-se eficiente. Enquanto o professor fala com um dos alunos, deixa flutuar o pensamento aos outros; enquanto pergunta a êste, obriga aquêle a raciocinar; enquanto dosa as possibilidades do primeiro, força o segundo a dosar suas próprias possibilidades.

Êsse é o melhor tipo de professor, o mais difícil de encontrar, o mais perigoso de realizar. Com efeito, é necessário dispor de cabedal bastante, dentro e fora do assunto, para atender à curiosidade de uns, à *perfidia* de outros — alunos há que procuram dar xeque-mate ao professor. Sem isso o professor não poderá manter seu prestígio pessoal, impondo autoridade e conservando a disciplina da classe.

O professor que não possui tais qualidades não poderá pretender dar aula conversando: cairá no ridículo e promoverá a anarquia entre os alunos, não lhes transmitindo, como de seu dever, os respectivos conhecimentos. Não é bom professor.

## X

Quando os alunos encontram um verdadeiro professor, dêsse terceiro tipo, aquêle que, mostrando cultura e capacidade, mais parece, no entanto, um colega de turma, um amigo, um irmão mais velho, agarram-se a êle, não o deixam mais. Querem-no para conselheiro, dentro e fora da disciplina lecionada, na vida escolar como na vida privada; buscam-no sempre, gostam de tratar com êle, tomam-no para juiz de suas ações.

Um bom professor é como um bom chefe de serviço — pai pela autoridade benevolente e pela experiência que transmite.

O bom professor não deve resumir suas atividades apenas em transmitir conhecimentos, mas também em promover a educação de seus alunos, concorrendo para lhes formar e aperfeiçoar o caráter. Ora, só o professor-amigo, o professor-conselheiro, o professor do terceiro tipo é que poderá conseguir tanto. Logo, o professor que dá aulas conversando é o melhor de todos porque, não só se apossa da inteligência do aluno, como da própria alma que lhe é abandonada, livre de barreiras inibitórias, e onde poderá imprimir as qualidades indispensáveis à harmonia social e à grandeza da pátria.

Êsse o tipo ideal para professor dos cursos de aperfeiçoamento dos servidores do Estado. Quem pretende aperfeiçoar um servidor público deve começar dando-lhe a impressão de que já se aperfeiçoou a si mesmo. A má escolha do professor levaria o aluno a concluir pela impossibilidade de ser aperfeiçoado, pois que do nada só o nada se tira e, quem não tem não pode dar.

O grande número de matrículas nos cursos de aperfeiçoamento não corresponde ao número dos alunos que chegam ao fim e, entre os que atingem a meta final, muitos o fazem apenas porque estão em procura do título. Entre as causas da desistência — um inquérito o diria — está o despreparo, a psicologia defeituosa de muitos professôres.

Muito interessante seria, após certo período do curso, indagar dos alunos:

- a) está obtendo aproveitamento nas aulas?
- b) está satisfeito com o professor?

Num regime democrático, impor a alunos que se sacrificam à busca de conhecimentos, professôres incapazes de satisfazê-los, é atentado que merece correção.

Além do mais, pagar a quem não merece, para criar complexos e desestímulos em muita gente aproveitável, é ofensa aos mais altos interesses da Administração Pública.